



Luiz Gonzaga, a voz do Sertão*

Augusto Gonçalves Ribeiro**

Resumo

O estudo objetiva desenvolver uma pesquisa centrada na Semiótica do norte americano, Charles Sanders Peirce, com especificidade em suas Categorias do Conhecimento (Primeiridade, Secundidade e Terceiridade) para interpretar alguns aspectos semióticos encontrados na linguagem sonora que constituem o *corpus* do seguinte texto: *Asa Branca* de Luiz Gonzaga. A análise projeta-se em todos os momentos seguindo os subníveis do signo semiótico, ou melhor, dos qualissignos, sinsignos e legissignos.

Palavras-chave: linguagem, música, semiótica.

1 Introdução

Em todas as épocas, as sociedades sofrem metamorfoses sócio-político-culturais que as revitalizam e fazem-nas inserir-se em novos horizontes. A linguagem imbricada na gênese destas sociedades modela-as de acordo com a prerrogativa dominante em cada comunidade. Este processo de transformação social é mediado pelas diferentes linguagens, e, a partir dele, novos signos nascem e proliferam-se a cada instante, motorizados pelos avanços tecnológicos, principalmente.

Segundo Kristeva (1988, p. 15): “cada época ou cada civilização, em conformidade com o conjunto do seu saber, das suas crenças, da sua ideologia, responde de modo diferente e vê a linguagem em função dos moldes que a constituem a si própria”. Logo, a mudança sígnica ocorre dentro dos parâmetros estabelecidos socialmente com a finalidade de manter uma interação dialética própria da comunidade.

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação da Profª Drª Arlete Sendra.

** Graduado em Letras - UERJ. Mestre em Cognição e Linguagem - UENF. Diretor Pedagógico da ETE João Barcelos Martins/FAETEC. E-mail: augustogribeiro@uol.com.br.

A inserção da linguagem como mediadora entre os homens faz com que nasçam diferentes conotações sógnicas e provoqe sua transformação e evolução. Em analogia, um ícone evolui para índice e se transforma em símbolo, mas isto não quer dizer que os signos percam seu caráter de signos individuais que são. Além do mais, o inverso também é possível. O signo metamorfizado passa a pertencer ao universo convencional e cultural estabelecido pela sociedade em que o indivíduo está inserido, visto que o símbolo, com seu caráter de lei, norma ou convenção, incorpora e engloba as qualidades possíveis dos ícones e as referências existentes dos índices.

Nossa proposta de leitura visa a estabelecer as três etapas teóricas de Charles Sanders Peirce, ou seja, a significação, a objetivação e a interpretação que sofrem as inferências de nossos atavismos e do nosso olhar sobre o por-vir.

2 Elementos semióticos:

2.1 Som

ASA BRANCA

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira¹

Quando oiei a terra ardendo,
Qual fogueira de São João,
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação...

Que braseiro, que fornáia,
Nem um pé de prantação,
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão...

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha,
Guarda contigo o meu coração...

Hoje, longe muitas légua
Numa triste solidão,
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortá pro meu sertão...

¹ GONZAGA, Luiz. *50 anos de chão*. Gravações originais: 1941/1987. RCA.

Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, num chore não, viu
Que eu vortarei, viu, meu coração...

O homem está inserido em um cosmo semiótico, seu mundo, sobre ele age e interage – *semeiosis* –, nele está subjugado, dele se encontra inseparável e em contato com outro(s) se completa, pois segundo Bakhtin (2000, p. 36), “estamos constantemente à espreita dos reflexos de nossa vida, tais como se manifestam na consciência dos outros”. Este meio integra o útero cósmico que é constituído de quatro elementos físico-químicos: ar, terra, água e fogo que interagem mútua e continuamente e estão circunscritos no texto de Gonzaga como componentes de seu universo musical.

Aos quatros elementos naturais, acrescentamos um quinto, o som que se apresenta, também, como formador do nosso planeta em sua qualidade intrínseca. A unidade sonora está intimamente relacionada aos movimentos internos dos átomos, das relações com outros átomos e das relações entre moléculas. Este som produzido e propagado nestas relações atômicas e moleculares de movimento tanto endógeno quanto exógeno é imperceptível ao ouvido humano por situarem-se em uma faixa infrassônica.

Este som, então, primeiro, já se encontrara na gênese do nosso cosmo ao derivar de uma grande explosão: o *Big Bang*. Explosão esta causada pela movimentação de elementos nucleares durante um grande consumo de energia e luz interno. Para o olhar do filósofo Pitágoras, a esfera cosmológica originou-se de um acorde dos espaços siderais infinitos e Hans von Büllow afirma “que no princípio era o ritmo” (SANTAELLA, 2001, p. 168).

O som como qualissigno, ou seja, como qualidade intrínseca ou aparência não pode ser descrito nem definido verbalmente, pois se encontra em sua primeiridade, em outras palavras, carrega em si as noções de indeterminação, acaso, possibilidade, espontaneidade, presentidade, etc. Em uníssonos conosco, Santaella (2001, p. 141) declara que: “Parte-se daí da pura apreensão do som livre, em si, como possibilidade qualitativa positiva, sem nenhum desvio para a indicação de sua origem, ou de suas fontes, daquilo que o causou”. Ou melhor, o fundamento inicial e evanescente do som como qualidade peremptória do signo que é, nos revela seu caráter primeiro.

A presentidade do som nas moléculas de água (H₂O), ar (N₂, O₂), terra (SiO₂) e nas ondas energéticas do fogo só ocorre em função da movimentação eletromagnética inerente a sua forma original, espontânea e livre. Basta contemplar estes elementos na natureza e

verificar que possuem uma ligação comum como se necessitassem um do outro: a água é formada por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio presentes no ar; o fogo só se realiza com a presença do oxigênio que é o comburente universal; a terra possui silicatos (SiO_2), materiais orgânicos que possuem o átomo de oxigênio em sua composição química, além dos sais em geral, das moléculas de água e do ar, imprescindíveis à vida orgânica.

A vida representa o som que se propaga através da materialidade dos corpos no cosmo semiótico e da espiritualidade humana no universo etéreo. O som é o fundamento sonoro primeiro, o objeto sonoro segundo, e a paisagem sonora terceira da vida orgânica contemplada, discriminada e interpretada pelos seres que estão circunscritos em um universo cronotópico determinado cultural e semioticamente, como em nosso trabalho, o universo do sertanejo. O som se encontra na natureza material da vida orgânica através dos movimentos dos átomos, dos seres, das coisas e na natureza espiritual, através do Pai, Filho e Espírito Santo, representados em uníssono na Santíssima Trindade. Em Dante Alighieri (2002, p. 403), temos, “O Poder inefável e primeiro, / O Filho a contemplar co’ Amor sublime, / De um e outro, eternal, vindo o terceiro”. Em outras palavras, o primeiro, o segundo, e o terceiro momentos peirceanos estão presentes na constituição holística tanto da vida carnal e material quanto da vida fluídica e espiritual do cotidiano nordestino, como podemos observar em “Eu perguntei a Deus do céu, ai / Por que tamanha judiação”. Notamos também que o poeta cancionista retoma elementos da natureza utilizando a linguagem usual do falar nordestino transgressor de paradigmas culturais consagrados.

A vida sonora começa no interior destes elementos como qualidade inicial, evanescente e nova até adquirir seu caráter de existência única, singular na formação das moléculas apresentadas anteriormente. Como Santaella (2001, p. 122) nos informa “a materialidade sonora é evanescente. O som não tem bordas nem arestas, não ocupa espaço. Qualquer som pode conviver com outro som. Sons sobrepõem-se, sincronizam-se, misturam-se indefinidamente e infinitamente”. Para suportar esta visão, observamos o que Peirce (2000, CP 246, p. 52, grifo do autor) nos diz: “Um *Qualissigno* é uma qualidade que é um Signo. Não pode realmente atuar como signo até que se corporifique; mas esta corporificação nada tem a ver com seu caráter de signo”.

Nas ações e reações físico-químicas, o som se corporifica por estar em secundidade cuja correspondência significativa abrange as noções de determinado, final, matéria, realidade. A secundidade sonora para Santaella (2001, p.151), começa “lá onde o fato acústico, o evento sonoro, a sonoridade como acontecimento aqui e agora, identificável,

reconhecível”, fato este possuidor de uma concretude de sua ocorrência, por esta razão, segundo.

Verificamos que a necessidade de movimento das moléculas no ar produz o som livre e espontâneo mesmo que inaudível para nós, contudo outros sons produzidos pelos quatro elementos da natureza são capazes de serem percebidos pelo homem por estarem dentro da faixa sônica, tais como o som das ondas do mar, das cachoeiras, dos rios, do vento, das trovoadas, dos terremotos e das queimadas. Sons estes que já corporificados por estarem materializados chegam até nossos ouvidos de uma forma compreensiva da qual podemos inferir ou interpretar. Neste momento, o som adquire seu caráter de lei, hábito e convenção, ou seja, sua terceiridade peirceana, da qual noções como generalidade, continuidade, mediação, aprendizagem, crescimento são pertinentes.

2.2 Ar, Água, Fogo e Terra

Podemos observar em *Asa Branca* de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, os elementos da natureza. O ar em qualidade primeira não pode ser definido, apenas a impressão é que vem à tona, por ser um qualissigno, signo de aparência efêmera. No momento em que passamos a senti-lo corporeamente, como um fato real, por estar presente no aqui e agora da situação, demonstra seu caráter de secundidade, ou seja, sua existência singular da ação e reação sobre os corpos dos seres vivos. A partir deste momento, impregnado de um calor insuportável aos seres, o ar desta região, adquire uma conotação social e torna-se um legissigno. Para Peirce (2000, CP 246, p. 52, grifo do autor), “um *Legissigno* é uma lei que é um Signo. Normalmente, esta lei é estabelecida pelos homens. Todo signo convencional é um legissigno. Não é um objeto singular, porém um tipo geral que, tem-se concordado, será significante”. Apresenta-se como legissigno, no momento em que se transforma em hábito corrente do sertão nordestino, provocando a morte das pessoas, animais e vegetais, como podemos evidenciar no texto: “Quando oiei a terra ardendo”. Podemos notar as ondas de calor agindo sobre a terra. O ar está sem a umidade necessária à sobrevivência dos seres, e pior ainda, sem sua qualidade essencial para a respiração humana, ou seja, o oxigênio que se encontra em estado rarefeito. Desta forma, verificamos que as aves dependentes do ecossistema são os primeiros a debandar de tal região: “Inté mesmo a asa branca bateu asas do sertão”.

A água, substância composta de dois elementos químicos e elemento crucial à sobrevivência de todos os organismos vivos do planeta, se apresenta a nós em sua forma

vívida e fresca da qual retiramos uma impressão, um sentimento ao contemplarmos sua originalidade sem nenhuma discriminação, ou seja, tratando-a em sua primeiridade sígnica da qual a aparência é um dos possíveis reflexos da realidade retratada no espelho da vida. Ao entrarmos em contato com ela, em um processo de interação dos fatos reais, observamos seus estados físicos, sua singularidade, ou melhor, sua existência real, única, e, portanto, segunda.

Elemento essencial à vida de todo ser, a água, está inerentemente correlacionada a todos os organismos visto que são compostos também por moléculas de água. Notamos que o planeta é formado por cerca de setenta por cento de água, ou seja, a mesma composição encontrada nos seres humanos. Contudentemente, nos afirma Fernando Pessoa (1999, p. 158): “a minha carne é líquida e aquosa em torno à minha sensação dela”. Assim, concluímos, facilmente, que o caráter de lei, ou seja, da essencialidade deste signo é adotado por todos os povos e seres como norma, regra na compreensão intelectual da necessidade vigente que este elemento tem perante a sobrevivência cósmica. No texto em estudo, observamos as mazelas acometidas pela falta d’água como em “Por farta d’água, / Perdi meu gado”, ou também em “Morreu de sede meu alazão”. Momentos de dor para o sertanejo, pois começam os primeiros sinais de uma seca devastadora que vai assolando sua região e tornando-a insuportável à sobrevivência. Mas o sertanejo é bravo, valente e resistente, e quando parte de sua terra continua pensando nela, vive com saudade e carrega em seu peito e em sua memória a amarga partida – o mito do eterno retorno –, pois “Espero a chuva cair de novo” é o desejo de entranhas que a água torna prazer e através da chuva faz rebrotar a beleza do enverdecer do sertão.

Ao contemplarmos o fogo em si mesmo, sem nenhuma conotação, ou seja, como qualissigno, o fogo, vívido, evanescente, em potencial, em possibilidade e ao acaso, ou melhor dizendo, em primeiridade, ele é somente ondas de energia à caça de um comburente (O₂), para sua metamorfose, isto é, sua combustão, processo do qual as ondas de calor se transformam em fogo propriamente dito.

O fogo se apresenta como qualissigno, pois segundo Ransdell (1983 apud SANTAELLA, 2000, p. 99), ele

é um signo considerado particularmente no que diz respeito à sua qualidade intrínseca sua aparência (isto é, sua propriedade primeira) – apenas na medida em que aquela qualidade é constitutiva de uma identidade sígnica que ele carrega: não é constitutiva dele como signo, mas sim dele como o signo particular que ele é.

Neste momento, o fogo como aparência não pode ser descrito e nem definido verbalmente à medida que em primeiridade somente a contemplação é válida, ou seja, a impressão original irresponsável e livre ao acaso do signo em si.

No momento em que ele adquire uma ocorrência real no aqui e agora, como existente concreto, passa de uma mera indeterminação de possibilidades a uma singular existência como encontradas no texto musical: *fogueira, braseiro, fornáia*. Singularidades concretas das possibilidades do fogo, cada uma carregando em si, implicitamente, o valor das ondas de calor inerentes ao fogo. A fogueira e a fornalha com o fogo já em existência real e o braseiro em possibilidade real determinada, pois enquanto o oxigênio estiver presente o fogo torna-se possível e real.

Quando o fogo passa a ser interpretado como elemento de dor por possibilitar queimadas e perdas, adquire seu caráter convencional, sua terceiridade sígnica, pois a partir de seu contato, através da experiência concreta, o homem conheceu as possibilidades de dano que o fogo em sua plenitude pode efetivar.

Contudo, o fogo também serve para aquecer uma noite fria ou alegrar a noite de São João em “Qual fogueira de São João”; e, também, esquentar e preparar alimentos para o consumo humano. Neste processo de aprendizagem com o meio em que vive, através da interpretação dos efeitos produzidos pelo fogo, o homem adquire uma elaboração cognitiva diante da natureza dos fatos concretos possibilitados por ele e passa a usá-lo de forma que o favoreça em sua relação com o meio ambiente.

A terra, onde a vida humana se efetiva, agredida pelas queimadas que provocam a destruição de seus componentes orgânicos e pelo desmatamento que leva o solo à erosão, vem impondo ao homem a construção de um novo bios/logo. Gerando, assim, uma nova *semiosfera* que a partir de suas fronteiras traduzirá os códigos dos três mundos produzindo, muitas vezes, uma nova informação visto que o texto não se apresentará de forma isolada, mas, sim, acoplado aos mundos de ontem, hoje e amanhã. Podemos afirmar que o mundo de hoje representa a fronteira semiótica dos outros dois, por ocorrer, justamente, nele os processos de tradução sígnica, ou seja, da intersemiose. Neste caráter hermenêutico, os efeitos fornecidos pelos interpretantes sígnicos peirceanos abrem uma gama de ressignificações atualizadas crono-topicamente e *ad infinitum*.

A contemplação que fazemos da terra em primeiridade é livre de conotações, pois a sensação e impressão da mesma é o que interessa, seu caráter de pura qualidade como tal, ou seja, sua presentidade terrosa, como a cor vermelha em seu caráter de vermelhidão.

Quando iniciamos com valores que expressam sua singularidade, estamos em um momento segundo do qual o que importa é a sua existência concreta por conotar miríades de possibilidades qualitativas, haja vista que como *sinsigno* que é, o signo possui qualissignos inerentes, como observa Peirce (2000, CP 245, p. 52, grifo do autor),

um *Sinsigno* é uma coisa ou evento existente e real que é um signo. E só pode ser através de suas qualidades, de tal modo que envolve um qualissigno, ou melhor, vários qualissignos. Mas estes qualissignos são de um tipo particular e só se constituem um signo quando realmente se corporificam.

Se partirmos dos efeitos climáticos que assolam o sertão, poderemos constatar no texto musicalizado e objeto de nosso estudo, dois grandes momentos, o da seca cruel e o da chuva glorificante, metaforizados respectivamente, em “Quando oiei a terra ardendo, / Qual fogueira de São João” e “Quando o verde dos teus óio se espiá na prantação”. Estes momentos antagônicos de dureza e felicidade fazem parte do conhecimento do nordestino por vivenciar continuamente a alternância climática. Neste momento, nos encontramos em terceiridade *sígnica* ao apresentar estes elementos como convencionais do sertanejo, visto que já é uma regra, ou seja, uma lei da natureza agindo sobre os seres vivos. Verificamos que Savan (1976 apud SANTAELLA, 2000, p. 102), ratifica nossa leitura em:

leis e regularidades além daquelas da linguagem verbal também podem ser *legi-signos*. Regularidades de comportamentos individuais ou sociais, convenções e costumes são *legi-signos*. Certos padrões do vento, pressão do ar, e nuvens podem ser *legi-signos* da chuva. Certos padrões de sintomas podem ser *legi-signos* de uma doença. As regularidades da tabela periódica de Mendeleiev são *legi-signo* de leis físico-químicas.

Observamos as singularidades existenciais específicas de cada período, ou seja, a dor, o sofrimento, a fome, a sede, a morte referentes à seca, e a alegria, felicidade, fartura, abundância, água, vida e alimento referentes à chuva, a se concretizarem como hábito, convenção ou lei.

Considerações Finais

Todos estes elementos da natureza juntos formam a nossa biosfera, espaço de convivência entre os seres, enquanto os elementos sýgnicos apresentados e os que serão ainda apresentados formam a *semiosfera* de Lotman (1996, p. 24), visto que “la semiosfera es el espacio semiótico fuera del cual es imposible la existencia misma de la semiosis”.²

E como o espaço semiótico não pode ser considerado isoladamente, mas, sim, em diálogo com outros espaços semióticos, percebemos a importância de cada limite endógeno e exógeno, por serem, justamente, eles responsáveis pelas traduções sýgnicas. Lotman (1996, p. 31) nos diz que,

la semiosfera es atravesada muchas veces por fronteras internas que especializan los sectores de la misma desde el punto de vista semiótico. La transmisión de información a través de esas fronteras, el juego entre diferentes estructuras y subestructuras, las ininterrumpidas «irrupciones» semióticas orientadas de tal o cual estructura en un «territorio» «ajeno», determinan generaciones de sentido, el surgimiento de nueva información.³

Vimos que os elementos da natureza estão em um completo inter-relacionamento mútuo e contínuo capazes de produzir diversas reações entre si ao possuírem um elemento comum que funciona como uma *fronteira* lotmaniana, a saber, o oxigênio. O mesmo elemento que permite aos seres interagirem com o meio em que vivem, permitindo que suas traduções ocorram.

A análise semiótica se expande na tríade: signo, objeto e interpretante com seus três subníveis. Neste trabalho, trabalhamos os subníveis representantes do signo, a saber, qualissigno, sinsigno e legissingo. Observamos assim, as características dos elementos da natureza, incluindo o som. Partimos do sentido sensorial representado pelos qualissignos, da concretude representante dos sinsignos, e, finalmente, os legissignos de caráter de norma, ordem e lei.

² A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual não é possível a própria existência da semiose. (T.N.)

³ A semiosfera é atravessada muitas vezes por fronteiras internas que especializam os setores da mesma a partir do ponto de vista semiótico. A transmissão de informação através dessas fronteiras, o jogo entre diferentes estruturas e subestruturas, as não interrompidas «irrupções» semióticas orientadas de tal ou qual estrutura em um «território» «alheio», determinam gerações de sentido, o surgimento de nova informação. (T.N.);

Referências Bibliográficas

ALLEGHERI, Dante. *Divina comédia*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.**

KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. *Matrizes da linguagem e pensamento: Sonora Visual Verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.